IX Colóquio Internacional São Cristóvão/SE / Brasil
"Educação e Contemporaneidade" 17 a 19 de setembro de 2015
ISSN 1982-3657

A LEITURA NA ERA DIGITAL: REFLEXOES SOBRE AS MUDANÇAS E IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DA LÍNGUA

ROVIANE OLIVEIRA SANTANA
TATIANE LEMOS ALVES

EIXO: 15. ESTUDOS DA LINGUAGEM

RESUMO

Este trabalho busca refletir sobre a leitura de hipertextos a partir do suporte da revista Nova Escola no formato digital, a fim de identificar as mudanças ocorridas no ato de ler diante do uso da tecnologia no processo de comunicação. Com isso, parte-se dos pressupostos de que os fatores linguísticos e extralinguísticos presentes na internet interferem no processamento da leitura assim como as diferenças entre os formatos implicam em novas formas de o leitor lidar com o texto. Para isso, entende-se a leitura sob a perspectiva sociointeracionista enquanto processo dinâmico no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção de significado do texto, sendo essas atividades constituídas nas interações verbais sociais realizadas na internet, necessárias para se refletir sobre a leitura no ambiente digital.
Palavras-chaves: Leitura, Hipertexto e Ensino.

ABSTRACT

This paper aims to reflect about reading hypertext from the New School magazine holder into digital format in order to identify the changes in the act of reading on the use of technology in the communication process. Thus, we start from the assumptions that the linguistic and extralinguistic factors in internet interfere with the reading of the processing as well as the differences between the formats imply new forms of the reader deal with the text. For this means reading in the sociointeractionist perspective as a dynamic process in which the player performs an active work text meaning-making, and these activities constituted the social verbal interactions conducted on the Internet, necessary to reflect on reading in digital environment.
Keywords: Reading, Hypertext and Education.

1 INTRODUÇÃO

O uso da tecnologia no processo de comunicação tem afetado de certa forma o ato de ler, o que implica ou gera um novo perfil de leitor em razão da necessidade deste se utilizar de outras estratégias de leitura que diferem das utilizadas no texto impresso.

Nessa perspectiva, percebe-se que as mudanças trazidas com a utilização do aparato tecnológico vêm demandando nova forma de pensar e construir conhecimento, o que nos têm revelado as recentes pesquisas nas diversas áreas do conhecimento, inclusive, no campo da Linguística Aplicada.

Assim, se fez necessário investigar de que forma o hipertexto interfere no processamento da leitura, a fim de identificar as possibilidades e os entraves dessa leitura hipertextual.

Diante do exposto, parte-se dos seguintes questionamentos: Que mudanças ocorreram nos processos de leitura

mediante ao uso da tecnologia digital e como isso pode refletir no ensino da língua? De que forma o hipertexto interfere no processamento da leitura?

Desse modo, este estudo tem com objetivo compreender os processos de leitura hipertextuais, mediante fatores linguísticos e extralinguísticos presentes no ambiente digital, considerando que estes interferem no processamento dessa leitura. Assim, abordaremos uma análise feita por meio da Revista “Nova Escola” on-line para que possa identificar as diferenças entre os suportes impresso e digital, tendo em vista que a circulação de textos da mídia digital no espaço escolar pode favorecer o trabalho pedagógico no sentido de formar sujeitos leitores críticos e proficientes.

2 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.2 OS PROCESSOS DE LEITURA

Tendo por base a perspectiva sociointeracionista, entende-se a leitura como um processo ativo em que o sujeito-leitor interage com o texto, de acordo com seus conhecimentos prévios, apreendidos nas interações sociais.

Contudo, Goodman (1989) adverte que a leitura é um processo único, uma vez que se utiliza de um único processo para ler qualquer tipo de texto, independente da estrutura ou propósitos do leitor. Entretanto, o êxito nesse processo está relacionado não somente a capacidade do leitor, mas também a sua cultura social, conhecimento prévio, controle linguístico, as atitudes, os esquemas conceituais e o propósito do leitor.

Contudo, a ênfase se dá nos objetivos e intenções do leitor no ato de ler, visto que o leitor busca construir uma interpretação significativa do texto. Além disso, nos eventos de leitura e escrita há um contrato oculto entre escritor e leitor em que o escritor cria um significado potencial que deve ser construído pelo leitor no ato de compreender.

Nesse processo, o leitor emprega várias estratégias para trabalhar o texto e construir o significado, podendo essas estratégias se desenvolver ou se modificarem durante a leitura. Essas estratégias são um amplo esquema para obter, avaliar e utilizar a informação, entre elas, destaca-se as estratégias de seleção, de predição (antecipação), de inferência e de verificação.

As estratégias de seleção dizem respeito aos índices presentes no texto em que o leitor elege como mais produtivos para apreensão do significado. A partir dessa seleção, o leitor faz uso da estratégia de predição, ou seja, utiliza de seu conhecimento disponível e seus esquemas para antecipar o significado no texto.

Já as estratégias de inferência estão relacionadas em complementar as informações disponíveis utilizando seu conhecimento de mundo para inferir o que não está explícito no texto.

Assim, índices como o gênero textual, o autor, o título informam o que é possível encontrar no texto, permitindo que antecipe o sentido atribuído pelo autor e o reconstrua.

Há também as estratégias de verificação que são aquelas em que o sujeito lança mão para confirmar ou não suas hipóteses, aquilo que tinha previsto.

Segundo Goodman (1989) os leitores estão constantemente controlando sua própria leitura para assegurar que tenha sentido. Isso por que

> a busca de significado é a característica mais importante do processo de leitura, e é no ciclo semântico que tudo adquiri seu valor. O significado é construído enquanto se lê, mas também é reconstruído, uma vez que devemos acomodar continuamente nova informação e adaptar nosso sentido de significado em formação. (GOODMAN, 1989, p.19)

Para tanto, Kleiman (2007) considera que as estratégias de leitura são operações regulares utilizadas para abordar o texto, podendo ser inconscientes ou conscientes.

Com isso, entende como estratégia cognitiva aquelas operações inconscientes do leitor. Já as estratégias metacognitivas consistem na atividade consciente, reflexiva e intencional do leitor pelo qual lê por que tem algum objetivo em mente e compreende o que lê, realizando a automonitoração da compreensão.

Dessa forma, o ensino da leitura consistiria na modelagem de estratégias metacognitivas no desenvolvimento de habilidades verbais, constituindo na reflexão e conscientização por parte do leitor para controlarem a compreensão no processo de aprendizagem.

Assim, é preciso pensar como se dá a leitura na tela do computador, já que este implica em conceber as práticas sociais da leitura e suas funções na sociedade, considerando que o hipertexto tem características específicas que suscitam implicações no processamento da leitura.

2.2 DEFININDO O HIPERTEXTO

Como se sabe, nas últimas décadas, várias áreas do conhecimento têm se preocupado em estudar o hipertexto, compreendido aqui, sobretudo, no contexto da internet, se constituindo como base na rede de computadores.

O pioneiro no protótipo do hipertexto foi o matemático Vennevar Bush que nas suas reflexões sobre a mente humana constatou que esta não funciona de forma hierárquica, mas por associações de ideias. Por isso, criou em 1930 um dispositivo de consulta que organizava os conhecimentos a partir de elos associativos, chamado *Memex* (em português, extensão da memória). Essa ideia foi fundamental para que pensasse o hipertexto como uma rede interconectada de dados e informações. (KOMESU, 2005)

Todavia, a primeira aplicação do termo hipertexto foi empregada para o contexto da informática, e logo depois passou a designarem em relação ao impresso.

Esse termo em relação ao ambiente virtual surge nos sessenta nos EUA, por Theodor Nelson, que escolheu o termo em razão da conotação positiva do prefixo hiper, e por dá ideia de extensão e generalidade, buscando exprimir a ideia de escrita e leitura não-linear. Assim, o hipertexto era visto como ideias e de dados interconectados que poderiam ser editados em computador, mas, sobretudo, como sistema de organização de dados e um modo de pensar. (KOMESU, 2005)

Cavalcante (2010, p.200) acrescenta que “a ideia era de uma enorme biblioteca, mas com uma grande diferença: todos poderiam utilizar essa rede para escrever, interconectar-se, interagir, comentar os textos, filmes e gravações sonoras disponíveis nesse espaço, anotar os comentários etc...”

Nessa perspectiva, o termo hipertexto surgiu num contexto de mudança de paradigma em que as ideias pós-estruturalistas influenciaram o pensamento, trazendo conceitos como de rede, tramas, rizomas, enfim, noções para se pensar a organização do saber e como ele se constrói.

Assim, a ideia de hipertexto abrange essa visão, estando presente em aspectos que o constitui e o diferencia do texto impresso, principalmente, em relação a sua principal característica que é a não-linearidade.

Dessa forma, entende-se o hipertexto como dispositivo que leva o leitor a múltiplas conexões mediante o acesso ilimitado e rápido a outros textos, possibilitando um processo de escrita/leitura não-linear e não-hierarquizada que dialoga com outras interfaces semióticas. Como melhor pode explicar Lévy (1993, p.33):

> é um conjunto de nós ligados por conexões. Os nós podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos, ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos que podem eles mesmos ser hipertextos. Os itens de informação não são ligados linearmente, como em uma corda com nós, mas cada um deles, ou a maioria, estende suas conexões em estrela, de modo reticular. Navegar em um hipertexto significa, portanto, desenhar um percurso em uma rede que pode ser tão complicada quanto possível por que cada nó pode, por sua vez, conter uma rede inteira.

Sob o ponto de vista linguístico, destacam-se as ideias de Xavier (2010), Marcuschi (2010), Komesu (2010) entre outros, que defendem o hipertexto como um tipo de escritura, forma de organização cognitiva e referencial que se constituem um conjunto de possibilidades estruturais.

O hipertexto é um dispositivo, ao mesmo tempo, material e intelectual, que permite, mediante os links nele indexados, acessar os demais hipertextos que circulam na internet, criando, dessa maneira, estruturas textuais que são atualizadas pelas práticas e pela história individual de cada leitor. O hipertexto não é um suporte material ou um único texto, mas uma prática multimodal que envolve os processos de escrita e de leitura atualizados na tela do computador. (KOMESU, 2010, p.98)

Desse modo, Xavier (2010, p.208) concebe o hipertexto como modo de enunciação discursiva, ou melhor, “uma forma híbrida, dinâmica e flexível de linguagem que dialoga com outras interfaces semióticas, adiciona e acondiciona à sua superfície formas outras de textualidade.”

Para tanto, é preciso destacar que o hipertexto não é gênero textual, mas um espaço onde se constitui formas de enunciação discursiva, já que as interações sociais dos sujeitos no ambiente virtual criam novas formas de construção de sentido. Mas o uso intenso das novas tecnologias de comunicação implica em mudanças nos processos de leitura, especialmente do hipertexto.

Para Marcuschi (2001), o hipertexto como um novo espaço de escrita se caracteriza pela sua tessitura textual em que a escrita torna-se uma atividade colaborativa, considerando que esse novo espaço é um espaço cognitivo que exige do sujeito a revisão de suas estratégias de lidar com o texto.

Nesse entendimento, o hipertexto nos remete a ideia de uma revisão nas formas de se pensar como também de apreender o conhecimento e as práticas de letramento. Isso por que o texto eletrônico se diferencia do impresso mediante a sua natureza hipermodal e não-linear.

Além disso, há outras características que constituem o hipertexto no âmbito virtual, como: a multissemiose, a autoria, a volatilidade, a fragmentaridade, a espacialidade topográfica.

Mediante essas características do hipertexto, considera-se que a participação é o que há de mais importante, ou melhor, o diálogo que se instaura com o outro e com o mundo vai além do dispositivo associativo, uma vez que as interações com diversos textos e o compartilhamento dos saberes tende a colaborar para a formação de sujeitos atuantes e politizados.

3. FATORES LINGUISTICOS E EXTRALINGUISTICOS NO PROCESSAMENTO DA LEITURA HIPERTEXTUAL

3.1 FORMAS E FUNÇÕES DOS HIPERLINKS

Na análise dos hiperlinks presentes na versão on-line da revista Nova Escola, percebe-se várias formas e funções dos links, que por sua vez, trazem novos elementos no processamento da leitura.

Dessa forma, entende-se que os hiperlinks representam uma das características mais importantes do hipertexto digital, tendo em vista que funcionam como ligações entre os nós, ou melhor, blocos textuais que inter-relacionam.

> As ligações para outros textos representam uma inovação sem precedente no modo de produzir textos. Os tais elos não só afetam diretamente a compreensão, como também influenciam o que deve ser destacado pelo leitor ou ignorado completamente. (XAVIER, 2010, p. 211)

Do ponto vista linguístico, o hiperlink é um dispositivo que exerce a função dos dêiticos, de forma tal que podem focalizar atenção do leitor para determinado aspecto ou lugar. Eles realizam a hipertextualidade explícita, já que viabilizam o diálogo instantâneo entre hipertextos on-line.

Para Koch (2011), os hiperlinks têm essa função dêitica, pois monitoram a atenção do leitor ao passo que seleciona focos de atenção, permitindo uma leitura mais aprofundada, ou pormenores sobre o assunto em questão. Isso significa que o hiperlink contribui para continuidade textual, já que possibilita ao leitor engendrar em novos caminhos, e construir novas significações.

Outro ponto destacado pela autora, diz respeito à função coesiva dos hiperlinks, visto que as informações são amarradas, permitindo que o leitor construa seu conhecimento e chegue a conclusões relativamente seguras.

Para tanto, há dois tipos de hiperlinks que podemos verificar nos homepages: os fixos e os móveis. Os hiperlinks fixos são estáveis e constantes no site, visando facilitar a localização e memorização do espaço por parte do usuário. Já os móveis são os que flutuam no site, definidos sob a conveniência do enunciador e do efeito que quer produzir.

Os hiperlinks são distribuídos e organizados estrategicamente no ciberespaço, servindo para orientar a leitura, de forma que permite ao usuário criar os caminhos da sua leitura, saltos e fugas instantâneas para outros locais, e conexões que vinculam mútua e infinitamente pessoas e instituições.

Enquanto mecanismo de referenciação remissiva digital, os hiperlinks podem ser palavras, ícones ou fotografias, mas não quer dizer que seja qualquer palavra ou imagem, estas devem remeter a outras significações, conhecimentos.

Segundo Xavier (2013), o processo de referenciação dentro do hipertexto nasce e passa pelos links. Assim, os hiperlinks se apresentam como formas enunciativas que podem ser verbais e visuais.

As formas verbais têm caráter singular, pois nos remete virtualmente a outras formas verbais, textos e discursos, que ao mesmo tempo, conserva a remissão referencial que lhe é própria.

As palavras linkadas, sejam simples ou compostas, povoam as homepages, de modo que os hábitos de bens de consumo materiais e simbólicos de determinados sujeitos-leitores são considerados pelo enunciador que envolve com a prestação de serviços disponíveis.

Além disso, essas palavras, muitas vezes, estão vinculadas a publicidade dos servicos ofertados ou do próprio

portal**.**

Percebe-se também que há uma forte tendência ao uso do modo imperativo do verbo, mas, por outro lado, é suavizado pelos possíveis ganhos que usuário pode ter ao aderir àquela proposta.

> Os links determinam o lugar da exterioridade textual, pois mostram o momento da relação do cotexto com o contexto. Explicitam virtualmente o processamento textual de forma a transformar os blocos informacionais em texto, a partir das eventuais "soldas" feitas pelo leitor entre as porções textuais propostas por estes links. (CAVALCANTE, 2010, p. 204)

Em relação às formas enunciativas visuais (ícones, fotografias, figuras), os hiperlinks assumem co-participação na construção do sentido da página.
Conforme pontua Xavier (2013, p.280)

> As ferramentas icônicas e fotográficas implementam uma maior dinâmica na leitura, acrescentam grande agilidade no processamento da compreensão e proporcionam uma alta interatividade do hiperleitor com o objeto lido, já que alguns desses ícones são incrementados com movimentos, propriedade impossível ao formato do livro impresso. Os banners publicitários, por exemplo, ocupam a posição superior da tela. No hipertexto on-line, pode-se perceber a movimentação dos caracteres e as animações nas logomarcas apresentadas na tela, impossível ao texto impresso tradicional.

Nesse entendimento, as imagens sintetizam as informações e têm o poder de condensá-las cognitivamente, com vantagem de processar na mente humana com mais velocidade do que as palavras.
Além disso, o uso dos links exige do leitor um grande esforço cognitivo, uma vez que é necessário compreender as ligações implícitas entre as ideias, podendo gerar no que Marcuschi (2001) chamou de *stress* cognitivo, principalmente, quando usados inadequadamente podem dificultar a compreensão da leitura por quebrar o fluxo semântico responsável pela coerência, gerando indisposição e abandono na leitura.
Por outro lado, os links podem contribuir para compreensão global do texto, pois nos traz opções associativas que trazem outros textos relacionados, permitindo o leitor articular com os seus conhecimentos prévios.

3.2 A MULTISSEMIOSE E HIPERMÍDIA

Mediante análise tecida anteriormente sobre os hiperlinks, verificou-se também a interferência da multissemiose no processamento da leitura, considerando que as imagens e outros recursos da multimídia disponíveis no hipertexto não podem ser vistos separadamente ao verbal, mas, pelo contrário, o discurso do verbal e o não verbal nesse caso são indissociáveis para a compreensão do texto.
Para tanto, entende-se como multissemiose a interseção das linguagens verbal e não verbal que tecem redes de sentidos a partir dos diversos recursos visuais e sonoros, dispostos sejam em forma de fotografias, ícones, diagramas, vídeos e etc. que buscam dialogar com os leitores sobre determinado assunto, ou mesmo resumir a ideia do texto verbal.
No *layout* do site da revista Nova Escola, pode-se perceber essa pluritextualidade mediante aportes sígnicos numa mesma superfície de leitura, tais como palavras, ícones animados, efeitos sonoros, vídeos e tabelas.
Com base nesse exemplo, pode-se notar que o ato de ler na tela torna-se sinestésico em que todos os elementos linguísticos e extralinguísticos devem cooperar para fluir a compreensão, visto que viabiliza com mais totalidade e amplitude, desde que esteja bem organizado e inter-relacionado.
Entretanto, é preciso verificar as interferências desses recursos no ato de ler, já que a integração do texto impresso com visual não é algo recente e, nem exclusivo do hipertexto, mas também é um dispositivo utilizado pelo enunciador para produzir sentido, como, por exemplo, o uso de gráficos, fotografias etc. Por essa razão, entende-se que esses recursos são utilizados de forma funcional, mas, por outro lado, numa estrutura hipertextual ultrapassa as possibilidades interpretativas dos gêneros multimodais tradicionais, ampliando o sentido e a ressignificação do texto**.**
Segundo Lemke *apud* Braga (2011, p. 181),

> Cada modalidade expressiva integra um conjunto diferenciado de significados possíveis. As

> representações verbais e visuais coevoluiram historicamente e culturalmente para complementarem-se mutuamente e para serem coordenadas e integradas. Cada forma semiótica é única na medida em que agrega um conjunto de normas interpretativas e possibilidades de significado que lhe são particulares.

Para Braga (2011), os textos multimodais permitem múltiplas leituras em razão da impossibilidade de controle sobre o processo de significação, ou seja, as diferentes modalidades não podem ser controladas e totalmente previstas pelo autor, tendo em vista que essas relações se tornaram mais complexas e imprevisíveis**.**

Desse modo, a veiculação de uma mesma informação por meio de diferentes modalidades pode ser explorada de modo que favoreça a compreensão e a aprendizagem dessa informação.

No entanto, a multissemiose do hipertexto não se compara com o impresso da revista, pois há uma confluência específica dos modos enunciativos no hipertexto que são interpostos na tela. Por isso, o hipertexto permite que o leitor vivencie uma experiência multissensorial, tendo em vista a interatividade propiciada pela multissemiose e acesso ilimitado, além da relação contínua entre o leitor e os múltiplos autores em tempo real.

Para Xavier (2010, p.215) a leitura sinestésica “optimiza, em tese, a compreensão das ideias, conceitos e atitudes do sujeito-produtor de discursos pluritextuais.” Uma vez que a expressividade do leitor tende a crescer na proporção que intensifica a utilização de recursos informáticos pluritextuais, explicitando e argumentando em relação às posições assumidas por um dado autor.

A construção de sentidos pelo leitor a partir das múltiplas linguagens e multimídias presentes no hipertexto pode auxiliar a aprendizagem na medida em que permite ao aprendiz fazer escolhas de caminhos e canais de recepção que são mais adequados às suas necessidades e também aos seus estilos cognitivos e modos de aprender.

No entanto, essas escolhas estão implicadas com as estratégias de leitura utilizadas, visto que se torna necessário verificar se o leitor mantém o tópico de interesse mesmo sabendo o propósito de sua leitura.

4 A LEITURA EM DIFERENTES SUPORTES

Com base nas análises sobre as características específicas do hipertexto como os links e a multissemiose, buscou-se verificar as diferenças nos formatos impresso e digital do texto e suas implicações nas possibilidades de leitura.

A questão não é considerar um formato melhor do que outro, mas apontar o novo agenciamento de letramento que é pouco trabalhado nas escolas, até porque os estudos nessa área são recentes, mas nos indica que devemos nos atentar para os objetivos da leitura e do conjunto de fatores que podem interferir para que uma leitura seja proficiente ou não, tendo em vista os aspectos linguísticos e cognitivos, bem como a carga cognitiva demandada para o leitor.

No entanto, as dificuldades no ato ler recai substancialmente na construção de sentidos a partir de diferentes linguagens e recursos presentes no hipertexto. Como diz Coscarelli, “a carga cognitiva que demanda do leitor pode não ser uma exigência do formato, mas do objetivo de leitura, ou seja, de um conjunto de outros fatores que podem dificultar ou sobrecarregar o leitor”. (COSCARELLI, 2005, p.117)

Para tanto, as diversas maneiras de ler encontram-se condicionadas aos suportes, que colocam em jogo a relação com o corpo do leitor, os possíveis usos da escrita e as categorias intelectuais que asseguram a compreensão.

> De um lado, o leitor da tela assemelha-se ao leitor da Antiguidade: o texto que ele lê corre diante de seus olhos, é claro, ele não flui tal como o texto de um livro em rolo, que era preciso desdobrar horizontalmente, já que agora ele corre verticalmente. De um lado, ele é como o leitor medieval ou o leitor do livro impresso, que pode utilizar referências como a paginação, o índice, o recorte do texto. Ele é simultaneamente esses dois leitores. Ao mesmo tempo, é mais livre. O texto eletrônico lhe permite maior distância com relação ao escrito. Nesse sentido, a tela aparece como o ponto de chegada do movimento que separou o texto do corpo. (Ribeiro apud Chartier, 2005, p. 141)

Para Chartier citado por Komesu (2005, p.105) “É diferente o tipo de anotação que um leitor pode fazer nos espaços em branco de um livro em rolo, no códex ou um livro impresso, se comparado ao que se pode fazer no suporte eletrônico”.

Mas o que de fato difere de uma leitura de página impressa para uma leitura hipertextual?

Segundo Marcuschi (2005, p.193), não há uma relação dicotômica entre o texto impresso e o eletrônico, do ponto de vista da textualidade, já que “não se deve confundir o aspecto operacional do manuseio com os aspectos epistemológico e constitutivo do texto”.

Assim, o confronto entre o texto e o hipertexto irá permear as suas implicações no ato de ler de forma que apreendemos as diferenças nos âmbitos da organização textual, autoria e da “pragmática” da leitura.

Em relação à organização do texto, na página impressa organiza de forma hierárquica e linear, diferente do hipertexto, que não tem um centro, limites e contornos definidos, mas é um feixe de possibilidades não aleatórias. Com isso, o texto eletrônico organiza a informação de forma flexível, sem uma relação de natureza lógica.

Como se observou anteriormente, os links permitem ao leitor essas múltiplas conexões, que os faz um elemento diferenciador do texto impresso e o eletrônico, tendo em vista que não são os itens lexicais ou expressões linguísticas que permitem essas conexões, mas o propósito da busca ou da construção do link.

Quanto à autoria, temos em mente a ideia de um autor determinado e distinto do leitor no texto impresso, enquanto no hipertexto isso não se aplicaria, já que nas “possibilidades tecnológicas de construção de hipertextos haveria condições de interferência física na composição do texto”. (MARCUSCHI, 2005, p.194)

Desse modo, entende-se que o novo suporte de texto, o hipertexto, permite usos e intervenções do leitor, já que a ideia de autoria muda nesse contexto. O leitor vai construindo os sentidos de seu texto de forma que dirige os movimentos dessa construção. Mas a questão é como lidar com tantas informações e de que forma construímos sentido mediante tantas impressões simultâneas.

Outro ponto a ser destacado é em relação à “pragmática” da leitura, tendo em vista as formas do leitor trilhar um texto impresso ou digital. A página impressa é altamente seletiva na forma de leitura de notas, consulta a outros livros, identificação de fontes e etc., além de ser vista como exclusiva, já que direciona a leitura. Já o texto eletrônico seria mais inclusivo, considerando a possibilidade de uma navegação mais ampla e descentralizada. Entretanto, "tanto um quanto outro formato textual oferecem possibilidades inclusivas e exclusivas que dependem da estratégia do leitor e não da natureza do texto em si mesmo." (MARCUSCHI, 2005, p. 195)

Ao analisar o suporte impresso e digital da revista nova escola percebe-se que houve uma transmutação/releitura dos gêneros discursivos presentes na revista impressa para o digital. Assim, a familiaridade com interface e as possibilidades de percurso no impresso colabora para que o leitor deduza certos aspectos da interface hipertextual eletrônica da revista on-line.

Em termos de estrutura, as diferenças entre os suportes da revista Nova Escola estão no direcionamento da leitura, uma vez que no hipertexto se acentua mais a forma alinear de sua organização textual e, por isso, novas referências, leituras são propiciadas nesse espaço.

De um modo geral, percebe-se que as diferenças nos suportes impresso e on-line dessa revista podem se resumir a nova forma do leitor lidar com texto, ou seja, as funções leitor e autor se misturam no contexto hipertextual, visto que o leitor pode se fazer autor mediante aos percursos que faz, onde há uma troca de papéis da escrita para a leitura e vice-versa, de forma contínua, operando uma certa desterritorização da autoria.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos trazem indicadores importantes para a reflexão do hipertexto em sala de aula, principalmente, no que dizem respeito à utilização dos links, da multissemiose durante a leitura bem como à familiaridade com a interface, além da abordagem dos gêneros textuais como possibilidade de trabalho pedagógico na perspectiva do letramento.

Quanto à utilização dos links no processamento da leitura hipertextual, verificamos que o processo de referenciação dentro do hipertexto passa pelos links, de forma que as suas funções, seja a dêitica ou a coesiva, permitem que o leitor construa novos significados e uma leitura aprofundada por meio das possibilidades geradas, que dão continuidade textual. Porém, quando o link é utilizado de modo disperso, sem que haja um objetivo nessa leitura, há uma dificuldade em realizar as operações cognitivas exigidas pelos links e impede que o leitor tenha um maior controle quanto ao buscado.

Em relação à multissemiose presentes no espaço virtual, entendemos que as imagens e os recursos da multimídia fazem uma interseção das linguagens verbal e não verbal de modo que dialogam com os leitores sobre determinado assunto e, por isso, são indissociáveis para compreensão do texto. Com isso, não podemos realizar uma leitura somente do texto verbal, ignorando a imagem ou o recurso disponível, é preciso lê-lo enquanto discurso no qual essas linguagens estão inter-relacionadas para que seja possível a compreensão do texto.

Para tanto, entende-se que a familiaridade com interface está ligada com o conhecimento que se tem do gênero textual e também da tecnologia em questão. Por isso, o grau de familiaridade com o gênero textual permite que o leitor faça inferências e tenha êxito na leitura. Outro aspecto observado, refere-se ao contraste entre os suportes impresso e digital, pois o leitor que já conhece a revista impressa vai deduzir alguns aspectos do gênero textual presente no

impresso para o ambiente virtual, o que colabora no percurso do leitor que deduz certos aspectos da interface hipertextual eletrônica.
Essas questões nos apontam a necessidade de se trabalhar o hipertexto em sala de aula, aliados às estratégias de leitura que sejam condizentes com uma metodologia de ensino atualizada e eficiente, para que contribuam na formação de um leitor proficiente e crítico.

REFERÊNCIAS

BRAGA, Denise Bértoli. A comunicação interativa em ambiente hipermídia. MARCUSCHI, Luís & XAVIER, Antonio (org.). **Hipertexto e Gêneros Digitais:** novas formas de construção de sentido. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010, p.175-197.

CAVALCANTE, Marianne C. Bezerra. Mapeamento e produção de sentido: os links no hipertexto. In: MARCUSCHI, Luís & XAVIER, Antonio (org.). **Hipertexto e Gêneros Digitais:** novas formas de construção de sentido. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010, p.198-206.

COSCARELLI, Carla Viana. Da leitura de hipertexto: um diálogo com Rouet et alii. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernardete (orgs.). **Interação na internet:** novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

GOODMAN, Kenneth. O processo de leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento. IN: FERREIRO, Emília; PALACIO, Margarida Gomes. **Os processos de leitura e escrita**. Porto Alegre: Novas Perspectivas, 1989.

Kleiman, Ângela. **Oficina de leitura**: teoria e prática. 11 Ed. Campinas-SP: Pontes, 2007.

KOMESU, Fabiana. Pensar o hipertexto. In: ARAÚJO, Júlio César; BIASI-RODRIGUES, Bernardete (orgs.). **Interação na internet***:* novas formas de usar a linguagem. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p.87-108.

LÉVY, P. **As tecnologias da inteligência.** O futuro do pensamento na era da informática. Tradução de Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.

MARCUSCHI, Luís. A coerência no hipertexto. In. COSCARELLI, C.; RIBEIRO, A. **Letramento digital**: aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2005.

_____. **O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula***. Revista* Linguagem & Ensino (UCPel). Pelotas-RS, V.4, n.1, p.79-112, 2001.

XAVIER, Antonio C. Leitura, texto e hipertexto. In: MARCUSCHI, Luís & XAVIER, Antonio (org.). **Hipertexto e Gêneros Digitais:** novas formas de construção de sentido. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2010, p.207-220.

_____. **A era do Hipertexto:** linguagem e tecnologia**.** 2 ed. Recife: Pipa comunicações, 2013.

NOTAS

Roviane Oliveira Santana (Autor)
Mestranda em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, Grupo de pesquisa em Letramento e Comunicação Intercultural, Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: roviane.oliveira@gmail.com

Tatiane Lemos Alves(Coautor)
Mestranda em Educação, Cultura e Territórios Semiáridos, Grupo de pesquisa em Letramento e Comunicação Intercultural, Universidade do Estado da Bahia (UNEB). E-mail: tatyanelemos@gmail.com

Recebido em: 04/07/2015
Aprovado em: 05/07/2015
Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort
Metodo de Avaliação: Double Blind Review
E-ISSN:1982-3657
Doi: